

A Educação Ambiental como Instrumento de Sustentabilidade do Turismo¹

Joana D'Arc da Silva Rodrigues² – Faculdade Triângulo Mineiro FTM

Luciane Aparecida Melo Lopes³ – Centro Universitário do Triângulo - UNITRI,
Centro Universitário UNA, Universidade Católica de Brasília.

Resumo

Este artigo versa da urgência das questões ambientais frente à degradação massiva e acelerada nos diversos meios a que o homem está inserido. A gama de problemas urbanos, a extinção de ambientes naturais, sociais e culturais como fatores que engendram cada vez mais a deteriorização da vida na esfera terrestre. A partir da premissa de que é necessário conhecer para preservar, sugere-se os segmentos Turismo Rural, Turismo de Aventura e Ecoturismo, como fatores que propiciem uma correta inter-relação homem-meio. Seu objetivo está pautado na necessidade de se discutir o assunto de forma a proporcionar uma interpretação do meio, que conduza a uma Educação Ambiental consciente e madura, oportunizando a mudança de comportamento humano, no que se refere às causas da destruição frente aos problemas ambientais.

Palavras-chave: Turismo; Meio; Educação Ambiental.

1. Introdução

A urgência das questões ambientais frente à degradação massiva e acelerada nos diversos meios a que o homem está inserido, a gama de problemas urbanos, a extinção de ambientes naturais, sociais e culturais, as respostas da natureza diante de sua utilização desordenada e muitas das vezes irresponsável, são fatores que engendram cada vez mais a deterioração da vida na esfera terrestre.

A partir da premissa de que é necessário conhecer para preservar, sugere-se os segmentos, aqui contextualizados, nas áreas de Turismo Rural, Turismo de Aventura e Ecoturismo, como fatores que propiciem uma correta inter-relação homem - meio,

¹ Trabalho apresentado ao GT “Meio ambiente, Turismo e Educação” do IV Seminário de Pesquisa em Turismo do MERCOSUL – Caxias do Sul, 7 e 8 de julho de 2006.

² Aluna do 7º período do curso de graduação – Faculdade Triângulo Mineiro Ituiutaba – MG).
Email: darc22003@yahoo.com.br

³ Docente no Centro Universitário do Triângulo - UNITRI, Mestranda em Turismo e Meio Ambiente no Centro Universitário UNA, Especializanda na Universidade Católica de Brasília. lucianelopesth@terra.com.br

IV SeminTUR – Seminário de Pesquisa em Turismo do MERCOSUL
Universidade de Caxias do Sul – Mestrado em Turismo
Caxias do Sul, RS, Brasil – 7 e 8 de julho de 2006

colaborando para a existência de relações de respeito, conduzindo a ações de recuperação, preservação e utilização sustentável dos ambientes, num processo permanente de Educação Ambiental.

O objetivo deste trabalho está pautado na necessidade de se discutir o assunto de forma a proporcionar uma interpretação do meio, que conduza a uma Educação Ambiental consciente e madura, oportunizando a mudança de comportamento humano, no que se refere às causas da destruição frente aos problemas ambientais.

A atividade turística do século XX foi marcada pela explosão do turismo de massa. Uma forma de turismo caracterizada pelo consumismo e pela superficialidade, e mesmo inexistência de relações entre visitantes e visitados.

Este século, também reconhecido por grandes avanços tecnológicos aliados a destruições ambientais catastróficas, conduziu a humanidade para uma urbanização conturbada, marcada pelo estresse e pelo distanciamento da natureza.

Na busca por novos caminhos que levem a transformações nas relações homem - meio, à introdução da Educação Ambiental como instrumento de conscientização, aliada a modalidades de turismo que se relacionam com o meio natural, possibilitam maiores reflexões à respeito de valores e mudanças de comportamento, que a princípio se manifestam de maneira individual e se disseminam para ações coletivas, a favor de atividades produtivas sustentáveis.

Justificando-se assim, esta discussão do aprendizado pela prática, pela experiência de novas sensações, num processo contínuo de formação de uma consciência preservacionista, responsável pelo meio cultural, natural e social, numa contraposição ao turismo de massa, e em defesa do consumo ético e responsável do espaço.

A fundamentação teórica deste trabalho baseia-se em pesquisa bibliográfica desenvolvida no escopo de evidenciar fatores de degradação do meio e analisar as inter-relações do turismo praticado em ambientes naturais como forma de propiciar uma

correta interpretação e Educação Ambiental, pela experimentação e pelo contato direto entre homem e natureza.

A discussão aqui apresentada nos remete à oportunidade de redimensionar atitudes e valores que permitam a interação entre homem e meio através de ações compromissadas e articuladas em benefício de toda a humanidade.

Pela complexidade, pela diversidade de fatores que o tema envolve, não se propõe neste artigo uma conclusão, mas sim a proposta para novas discussões que caminhem no sentido da valorização da vida humana, através da recuperação, preservação e sustentação do meio ambiente.

2. O homem versus meio ambiente

O espaço geográfico, por consequência da ação humana, vem passando por uma verdadeira metamorfose ambiental. Desastres ecológicos, destruição de áreas naturais, elevação de temperatura, efeito estufa, causas e efeitos que se engendram na degradação da vida terrestre.

A mesma ação humana que despreza as forças naturais e causa desastres ecológicos, se vê impotente e apavorada, diante das respostas que a natureza dá diante de tanta destruição e irracionalismo quanto à utilização de seus recursos.

O desrespeito ao meio natural, imposto principalmente pela industrialização, sem controle ou manejo ambiental adequado, pelo consumismo exacerbado e pela própria necessidade de evolução humana, resultou em mudanças ambientais e climáticas sérias e em muitos casos, irreversíveis.

Todas estas alterações ambientais vão se refletindo na forma do viver terrestre. A água, produto indispensável à sobrevivência terrestre, que antes se pensava ser um produto inesgotável, hoje se consideramos a intensidade de seu uso pela população do planeta a situação é extremamente delicada. De acordo com Lima ³

³ João Gabriel de Lima, “O paradoxo da água”, Revista Veja . São Paulo, n. 41, p. 89, out. 2005.

IV SeminTUR – Seminário de Pesquisa em Turismo do MERCOSUL
Universidade de Caxias do Sul – Mestrado em Turismo
Caxias do Sul, RS, Brasil – 7 e 8 de julho de 2006

A água é realmente a substância mais comum da terra. No entanto, 97 % dela estão nos mares, sendo assim imprópria para uso agrícola e industrial e para o consumo humano. Outros 2% estão nas calotas polares, em forma de gelo ou neve. Resta, assim, apenas 1% de água doce, aquela disponível nos rios lagos e lençóis freáticos. Essa água é extremamente mal distribuída. Países como o Canadá e a Finlândia têm muito mais do que precisam, enquanto o Oriente Médio praticamente nada tem.

Rios e córregos são poluídos por dejetos de esgotos residenciais e, principalmente contaminados por produtos químicos lançados por indústrias, além de agrotóxicos utilizados em lavouras que, juntamente com os aterros sanitários e fertilizantes, contaminam os lençóis freáticos, constituindo uma teia de desafios para a sobrevivência da humanidade.

Nascentes vão secando pelo desmatamento e assoreamento das margens, pela agricultura extensiva, que provoca o esgotamento pela irrigação e pelo estresse hídrico causado pelo consumo humano.

O desmatamento gera a desertificação e o esvaziamento dos lençóis freáticos, fazendo secar rios e lagos e conseqüente, diminuição das reservas de água doce. A queima de florestas, que resulta a emissão de gás carbônico, e a desertificação são fatores que colaboram no processamento do efeito estufa.

A exploração desordenada do território brasileiro, a exemplo do que ocorre no resto do mundo, é uma das principais causas da extinção de espécies vegetais e animais, mesmo sendo considerado o país da megadiversidade.

Assim como a cadeia alimentar é a base de toda sobrevivência no planeta, a cadeia de destruição ambiental é condenação da vida presente e futura. Milaré apud Tulic⁴, nos remete à profundidade do problema:

A questão ambiental mostra que a crise ecológica não se restringe às condições naturais do Planeta; é uma crise de civilização e da própria sociedade, porque está associada a uma crise de valores e aponta para a necessidade de novos tipos de relações humanas.

⁴ Olga TULIC (org.) *I Jornada de turismo, meio ambiente e patrimônio cultural*. São Paulo: Aleph. 2001. p.71

Repensar as relações homem - natureza de forma reflexiva, que garanta uma transformação das ações coletivas, num compromisso constante com as formas de utilização e reutilização dos espaços, é premissa urgente e questão de sobrevivência mundial.

3. A paisagem urbana, o homem e o turismo

Desde as sociedades primitivas, o homem busca amenizar o sacrifício dos afazeres diários substituindo o trabalho braçal pela mecanização, minimização dos esforços físicos exigidos na maioria das atividades produtivas, principalmente em países mais avançados tecnológico e economicamente.

O ser humano passou a utilizar-se cada vez mais de controles computadorizados, passando de um trabalho ativo fisicamente, para atividades mais sedentárias e mais exigentes de habilidades mentais.

Junto ao sedentarismo, aliou-se o viver diário conturbado e sufocante dos centros urbanos. A cada nova tecnologia que surge, engendra a menor esforço físico e maior desgaste mental nas atividades desenvolvidas no dia-a-dia.

Na busca de maior acesso ao ambiente industrial e tecnológico e, por um melhor viver, o homem passou a concentrar-se em centros urbanos poluídos, num consumo de espaços cada vez menores e emaranhados uns aos outros, um ir e vir constante, diante de um rol de afazeres sempre maior que o tempo disponível para tais, sem espaço nem tempo para cuidar de si próprio e daqueles que o rodeiam.

Neste turbilhão de acontecimentos e num viver mecânico, perdeu-se o contato com a natureza, num distanciamento dos ambientes naturais que lhe proporcionem sensação de bem estar, liberdade, e que ao mesmo tempo faça-o sentir-se parte integrante e responsável por este mesmo universo.

Esta inserção do homem no urbano atingiu a qualidade de vida destes cidadãos na mesma medida que a necessidade de lidar de forma direta com a natureza, foi perdendo seu significado.

Quanto mais distanciado e sem compromisso com a natureza, mais homem provoca grandes desastres ambientais. Inserido em contextos completamente urbanizados ignora a fragilidade, a complexidade e a interdependência dos ecossistemas naturais.

4. A busca pelo equilíbrio

Se a natureza responde ao aquecimento terrestre, com o degelo acelerado de suas geleiras polares, o homem se amedronta com as enchentes catastróficas, tempestades e tornados inesperados, com o avanço do mar em determinadas regiões da terra e todos os sinais saturação da mesma.

Nesta seqüência desordenada de degeneração do ambiente natural e da vida humana, tanto o homem quanto à natureza manifestam sua fragilidade diante um do outro.

Uma forma de proteger o ambiente natural e ao mesmo tempo aliviar o sedentarismo e o estresse humano é recolocar ambos em contato direto. O prazer proporcionado por uma convivência, onde o respeito e a preservação sejam fatores fundamentais para a própria existência de ambos.

Diante de tantos contrastes entre necessidade de preservação e a realidade da destruição, busca-se reequilibrar a convivência entre espaços naturais ainda preservados e a necessidade do contato homem - natureza, partindo-se da premissa básica de que é preciso conhecer para respeitar e preservar, num processo que permita vivenciar o objeto de estudo e compreender suas dimensões mais complexas.

De acordo com Lewis apud Wearing⁵,

As pessoas aprendem melhor quando estão ativamente envolvidas no processo de aprendizado; as pessoas aprendem melhor quando estão usando os sentidos adequadamente – reconhece-se que, de modo geral, as pessoas retêm aproximadamente 10% do que escutam, 30% do que lêem, 50% do que vêem e 90% do que fazem; os insights são as experiências mais memoráveis, já que despertam o estímulo e o crescimento; o aprendizado requer atividade por parte de quem aprende; a consciência de utilidade do conhecimento que está sendo adquirido torna o processo de aprendizado mais eficaz; as pessoas aprendem melhor com experiências diretas.

⁵ Stephen, WEARING; John NEIL. *Ecoturismo*. São Paulo: Manole, 2001, p. 101.

Neste contexto, o turismo realizado em áreas naturais surge como força motriz, capaz de reequilibrar e estabelecer uma convivência mais pacífica, ou até mesmo salvífica entre seres humanos e natureza, através de atividades integradoras e mais harmoniosas, pautadas no engendramento de ações que garantam a sustentabilidade natural, cultural, social e econômica de todos os envolvidos.

Pela prática do turismo responsável e sustentável, viabiliza-se a vivência de experiências diretas, que possibilitem o desenvolvimento de uma consciência preservacionista do meio.

Mendonça⁶ descreve que

para ter uma relação mais intensa com o lugar é preciso vivenciá-lo. É preciso ter outra relação com o tempo. É preciso que o turismo possibilite alguma relação mais direta em que a vivência represente uma relação de troca, aprendizado e respeito. Muitas vezes, a melhora da qualidade da percepção requer conhecer melhor as características ambientais locais. O turismo pode possibilitar isso. Só a vivência pode levar ao afeto, que finalmente levará ao respeito e à solidariedade com as populações atuais e futuras... Sem um contato mais íntimo, sem a noção da realidade, sem relação com a vida, sem informações atuais e históricas, a relação do turista com a paisagem fica restrita ao revelado com a câmara fotográfica.

5. O Turismo em áreas naturais

Várias modalidades de turismo tentam cumprir o papel de mediador entre o homem o meio: Turismo de Aventura, Rural, Ecoturismo, que compreendidos dentro de um conceito de preservação e de Educação Ambiental que devidamente regulamentados, podem minimizar as dificuldades de harmonização entre homem e natureza.

Todas estas segmentações de turismo possuem como suporte o ambiente natural e características semelhantes na relação com o meio, no modo como se pratica, se caracterizando por especificidades em cada segmento.

⁶ Mendonça in: Olga TULIC (org.), *I Jornada de turismo, meio ambiente e patrimônio cultural*. São Paulo: Aleph, 2001, p. 21.

O Turismo de Aventura, foi definido pela Oficina Nacional de Turismo de Aventura da EMBRATUR – Instituto Brasileiro de Turismo, realizada em 2001 por

um segmento de mercado turístico que promove a prática de atividades de aventura e esporte recreacional, em ambientes naturais e espaços urbanos ao ar livre, que envolvam emoções e riscos controlados, exigindo o uso de técnicas e equipamentos específicos, a adoção de procedimentos para garantir a segurança pessoal e de terceiros e o respeito ao patrimônio ambiental e sociocultural.

O Turismo de Aventura, a exemplo do Turismo Ecológico procura levar turistas a ambientes naturais, colocando-os em contato direto com a natureza, desenvolvendo a consciência de preservação e conservação num processo, ainda que lento, de Educação Ambiental.

Pelo bem estar causado pela proximidade com a natureza e a associação à conscientização ecológica, muitas pessoas e empresas têm buscado no Turismo de Aventura uma forma de fugir da rotina, seja por lazer, ou por integração de um grupo, devido ser uma atividade anti-estresse, além de proporcionar a prática de trabalhos em equipe, sendo utilizadas no desenvolvimento de técnicas de convivência social principalmente em locais de trabalho.

Através do reconhecimento tem-se o início de um processo de Educação Ambiental na prática, pelo fazer e pela experimentação de novas sensações, encadeando ações e relações mais conscientes e realistas.

O Turismo Ecológico ou Ecoturismo enfatiza as questões de Educação Ambiental e um compromisso com a sustentabilidade com o meio ambiente.

De acordo com Moletta e Goidanich ⁷ o Ecoturismo é um

segmento da atividade turística que utiliza, de forma sustentável, o patrimônio natural e cultural, incentiva sua conservação e busca a formação de uma consciência ambientalista através da interpretação do ambiente, promovendo o bem estar das populações envolvidas. O turismo ecológico torna-se uma opção atraente para as regiões em desenvolvimento, já que utiliza os recursos naturais e mão de obra local. Isso se traduz em entrada de divisas externas, viabilizado projetos adequados ao meio ambiente, assim como o engajamento dos moradores da região na exploração da atividade turística.

⁷ Vânia Florentino MOLETTA; Karin Leyser GOIDANICH. *Turismo ecológico*, Porto Alegre: Sebrae, 2000.

Cada paisagem possui um caráter único, diferenciado e singular. Manter a personalidade, na busca da alteridade do lugar, evitando a homogeneização, são princípios fundamentais de sustentação local e necessário para uma correta Educação Ambiental.

Na definição de Turismo Rural procurou-se traçar um caminho na distinção de práticas próprias do meio rural, excluindo-se outras atividades praticadas no espaço rural.

Muitas atividades tradicionalmente urbanas, se incorporam à empreendimentos estabelecidos em espaços rurais e, fazem deste “rural”, um microambiente urbano, descaracterizando o fazer próprio do rural.

A Oficina de Turismo Rural de 2002 define-o *como* “um segmento do turismo que proporciona conhecer, vivenciar e usufruir as práticas sociais, econômicas e culturais próprias do meio rural de cada a região de forma sustentável”. (Tulic⁸, 2003)

Não diferente do Turismo de Aventura e do Ecoturismo, o Turismo Rural tem como princípio o contato com o meio natural, social e cultural e a sustentabilidade da localidade atingida pela atividade, devendo ter como objetivos a garantia de desenvolvimento local, a geração de renda e de novos postos de trabalho, além da fixação do trabalhador rural no campo.

O Turismo Rural está intrinsecamente ligado ao humano. As práticas rurais, os afazeres, fazem parte de todo um contexto, onde as relações e interações entre visitantes e visitados são primordiais ao estabelecimento da hospitalidade.

A compreensão e respeito à estas práticas de viver e produzir num modo de vida interdependente, no relacionamento com o meio natural, carregado de tradições, crenças e valores arraigados na cultura no qual está inserido, solidificam habilidades e competências para a existência do Turismo Rural como promotor da qualidade de vida.

⁸ Olga TULIC. *Turismo Rural*. São Paulo: Aleph, 2003, p. 74.

6. Impactos gerados pela atividade turística

Definido como qualquer alteração nas propriedades físicas, químicas e biológicas do meio ambiente, causada por qualquer forma de matéria ou energia, decorrentes de atividades antrópicas que prejudicam a fauna, flora, saúde humana ou construções preexistentes, o impacto ambiental causado por qualquer atividade, significa também o grau de intensidade na modificação do meio.

A afirmação de que não há turismo sem impactos ambientais é o alicerce para todo o planejamento e gestão de áreas ligadas a atividade. Onde há presença humana, de alguma forma há modificação do meio.

As interações entre turista e meio, nem sempre se processam de forma coerente. Ruschmann⁹ descreve tais fatos como:

Assim como a atividade turística e o meio ambiente apresentam um relacionamento paradoxal, que é o uso turístico de um espaço protegendo-o, também o comportamento do turista de espaços naturais se mostra contrastante. Ele deseja ver a natureza intocada, mas quer tocar os animais; quer “viver a natureza”, porém com um conforto e segurança; quer a natureza “pura”, porém acessível. Além de considerar apenas os aspectos naturais, o turista deseja integrar-se plenamente aos fenômenos culturais e considerar a dimensão humana das comunidades receptoras.

O contraponto positivo para o turismo é que, se bem planejado, os impactos causados serão bem menores que outras atividades de extrativismo, agrícolas, pecuárias, industriais ou tecnológicas e num grau de degradação bem mais lento que estes outros setores produtivos.

Os impactos se dão em ambientes diferenciados e podem ser positivos ou extremamente negativos para o meio no qual a atividade está inserida.

No ambiente econômico, os impactos positivos se referem à geração de empregos, melhor distribuição de renda, diversificação da economia regional e geração de novas

⁹ Doris Van de Meene RUSCHMANN. *Turismo e planejamento sustentável: a proteção do meio ambiente*. Campinas: Papirus, 1997, p. 147.

empresas e quanto aos negativos podemos citar a supervalorização de terras e o aumento do custo de vida.

Quanto ao ambiente sociocultural atribui-se como impactos positivos da atividade turística, a fixação da população local, a criação de alternativas de arrecadação municipal e a valorização do artesanato regional, em contrapartida os impactos negativos pesam muito neste aspecto pela desvalorização dos valores culturais, pela exclusão das comunidades preexistentes e pelo congestionamento em vilas e povoados.

Na questão natural os impactos negativos são bem maiores que os impactos positivos. Se por um lado temos a manutenção da paisagem (o turismo necessita dela para sobreviver), o controle de poluição e o desenvolvimento de uma consciência preservacionista, por outro temos a retirada de material da natureza como lembrança, o excesso de resíduos orgânicos, a poluição sonora, da água, solo e ar, a descaracterização da paisagem, o pisoteio, erosão e desmatamento em trilhas.

No ambiente biótico temos de um lado a possibilidade da compreensão das diferentes formas de vida e sua importância para o meio, e de outro a migração de animais.

O turismo, como um todo, deve ser inserido num contexto de Educação Ambiental, levando-se em consideração as singularidades de cada lugar, e sob a ótica da conservação, preservação e revitalização, num convite constante a viver a natureza e a cultura como parte integrante deste mesmo meio.

Esta inserção deve proporcionar o conhecimento, o envolvimento numa promoção constante do turismo sustentável. A questão da sustentabilidade requer atenção a todos os fatores envolvidos na atividade.

Swarbrooke apud Ferreti¹⁰ define Turismo Sustentável “como economicamente viável, mas não destrói os recursos dos quais o turismo no futuro dependerá, principalmente o meio ambiente físico e o tecido social da comunidade local”.

¹⁰ Eliane Regina FERRETI. *Turismo e meio ambiente*. São Paulo: Roca, 2002, p. 101.

A sustentabilidade deve envolver o meio natural e o construído, aspectos econômicos, sociais e culturais das comunidades envolvidas, e financeiros de empresas ligadas à atividade. Assim, estes ambientes sustentam-se como resultado da prática humana responsável, comprometido com a vida presente e com as gerações futuras.

O homem, como ser espacial e temporal, tende a fazer suas escolhas de vida baseado na situação em que se encontra. No entanto, em se tratando de sustentabilidade, todas as ações têm necessidade de previsibilidade de causa e efeito de cada ato executado, numa avaliação e reavaliação constante de suas práticas, conduzindo à mudanças de atitudes e valores.

Neste entrelaçamento de situações, a Educação Ambiental não pode ser superficial. Deve existir uma co-responsabilidade de todos os envolvidos, tornando uma consciência ainda incipiente ou mesmo nula, alicerce para contextualização de toda vida terrestre, através de reflexões do ser humano a respeito de si mesmo e do meio no qual está inserido.

Mitraud apud Jesus¹¹ nos coloca diante da definição da Organização das Nações Unidas para Educação Ciência e Cultura de Educação Ambiental

como um processo permanente no qual os indivíduos e a comunidade tomam consciência do seu ambiente e adquirem conhecimentos, habilidades, experiências, valores e a determinação que os tornam capazes de agir, individual ou coletivamente, na busca de soluções para problemas ambientais, presentes e futuros.

A prática do turismo por si só, sem o envolvimento com as questões ligadas a educação ambiental, não garantem o uso do meio ambiente de forma correta. É necessário antes de toda e qualquer atividade turística, um planejamento adequado através de inventários e diagnósticos da área envolvida, para através do conhecimento dos recursos disponíveis desenvolver o produto turístico a partir do atrativo existente.

¹¹ Ana Paula de JESUS. in: Miguel BAHLE; Rosilene C. R. MARTINS; Sérgio F. MARTINS, (org.). *O Turismo como força transformadora do mundo contemporâneo*. São Paulo: Roca, 2005, p. 136.

7. Considerações finais

O turismo em áreas naturais surge como formador de novas paisagens naturais e culturais, Como atividade dependente destes meios, e necessita garantir sua sustentabilidade através de uma correta interpretação do meio no qual está inserido para sua sobrevivência.

O foco da gestão em áreas naturais deve engendrar fatores como a dimensão estética do lugar, os sistemas naturais preexistentes, a expressão cultural como atrativo diferencial e personalizado de cada localidade, contrapondo-se ao processo de destruição massiva arraigado no comportamento humano, através de séculos de destruição.

Como atividade pautada na prestação de serviços, faz-se necessário a verificação da relação de afinidade com o meio em questão e a qualidade dos serviços prestados por todos os envolvidos, numa busca constante de passar do desafio a ação concreta e eficiente.

A organização de centros de visitantes, quiosques de informação, museus, trilhas interpretativas, colaboram numa construção de uma relação saudável e produtiva entre homem e meio ambiente, mas que por si só não bastam. O processo de Educação Ambiental tem que ser profundo, atingir as raízes dos problemas, mudar conceitos calcificados pelo tempo e pelas práticas inadequadas.

Não se pretende aqui, e nem mesmo seria possível, uma conclusão ou o esgotamento do tema. Não é um ponto de chegada, mas de partida para a necessidade de conscientização mundial de novos valores e de reflexões que conduzam para a recuperação, preservação e sustentação do meio em que se está inserido.

Referências Bibliográficas

BAHL, Miguel; MARTINS, Rosilene C. R.; MARTIS, Sérgio F. (org.). *O Turismo como força transformadora do mundo contemporâneo*. São Paulo: Roca, 2005.

FERRETI, Eliane Regina Ferreti. *Turismo e meio ambiente*. São Paulo: Roca. 2002

IV SeminTUR – Seminário de Pesquisa em Turismo do MERCOSUL
Universidade de Caxias do Sul – Mestrado em Turismo
Caxias do Sul, RS, Brasil – 7 e 8 de julho de 2006

LIMA, João Gabriel de. O paradoxo da água. *Revista Veja*, São Paulo, n. 41, p. 88-92, out. 2005.

MARINHO, Alcyane. *Turismo de aventura e educação: desafios e conquista de espaços*. Turismo. Visão e ação. Vol. 5 nº 1. Jan/abril 2003. Univali.

MOLETTA, Vânia Florentino. GOIDANICH Karin Leyser. *Turismo ecológico*. Porto Alegre: Sebrae. 2000.

RUSCHMANN, Doris Van de Meene. *Turismo e planejamento sustentável: a proteção do meio ambiente*. Campinas: Papirus. 1997

TULIC, Olga (org.) *I Jornada de turismo, meio ambiente e patrimônio cultural*. São Paulo: Aleph. 2001.

TULIC, Olga. *Turismo Rural*. São Paulo: Aleph. 2003.

WEARING, Stephen; NEIL, John. *Ecoturismo*. São Paulo: Manole, 2001.